

ESTADO DE SÃO PAULO

8 MAR 1989

Sarney, José

# Sarney e o trem da história

Há, na entrevista que o presidente José Sarney concedeu a nosso companheiro de trabalho José Nêumanne Pinto, um ponto que merece os maiores elogios: é a precisão no equacionamento das relações entre o Brasil e os países industrializados. Não tanto, note-se, pela originalidade da análise, quanto pela tranqüilla convicção, que transparece das palavras de s. exa., ao assinalar que o País começou a perder importância no cenário mundial, e que se a tendência persistir não terá importância nenhuma dentro de poucos anos. Em outras palavras, tranqüilamente, o chefe de Estado reconhece que o trem da história está passando pela estação "Brasil" e que por culpa da classe política (e de outras classes, acrescentaríamos) corremos todos o risco de ter de seguir viagem num trem leiteiro, desses que no passado iam a 30 km por hora, parando de estação em estação para recolher o leite que de fazendas e sítios era enviado para as pequenas usinas de pasteurização. Das palavras do sr. José Sarney pode tirar-se a conclusão inevitável: o chefe da estação deu o primeiro apito e o trem vai partir.

É reconfortante ver como as análises que muitos ilustres pensadores e economistas brasileiros têm feito a respeito do fluxo de capitais no mundo são parte, hoje, do discurso do sr. José Sarney: "Os capitais dos países ricos estão fluindo na direção do Hemisfério Norte. (...) Por que os japoneses investiriam num país instável como o Brasil, se podem montar uma fábrica na China, onde não é permitida a greve?" Dir-se-ia um tecnocrata do regime autoritário, tentando explicar aos nacionalistas da Arena e do MDB que as leis que regem o capital são diferentes daquelas ditadas pela vontade humana. Mais lúcida, porém, é a observação de que a Constituinte adotou um modelo fechado com relação ao capital estrangeiro, cometendo suicídio político e econômico.

Uma retificação se imporia, nesse particular: na verdade, a Assembléia Nacional Constituinte não cometeu suicídio político, mas assassinio, pois matou as esperanças de que a década de 1990 seja promissora em termos de aumento da renda *per capita*.

Poderíamos inclusive endossar, apesar de seu exagerado otimismo, a esperança do presidente da República de que em menos de dez anos, ou numa década no máximo, o Brasil encontre o caminho do bom senso e do entendimento das realidades da economia mundial, da tecnologia de ponta, das descobertas científicas que tornarão obsoletas em pouco tempo as matérias-primas de cuja posse — e de cuja guarda zelosa — nos orgulhávamos, ou melhor, os nacionalistas civis e militares se orgulham até hoje. A propósito disso, traça o presidente quadro dramático do que poderá ocorrer no futuro: os países ricos não necessitariam mais garantir reservas estratégicas de matérias-primas para sua subsistência. É que, na verdade, os progressos tecnológicos feitos pelas universidades e indústrias do Primeiro Mundo tornaram os países industrializados independentes das colônias que os amarraram durante séculos nas aventuras imperiais. Ditas as coisas de outro modo, os brasileiros necessitam ter presente que país algum vale, hoje em dia, pelos minerais e minérios que conserva debaixo da terra sob feroz vigilância nacionalista, nem muito menos — faltou isso na entrevista presidencial — pela mão-de-obra barata que até há alguns anos atraía os investimentos externos. A relação mão-de-obra/tecnologia, que até os anos 70 privilegiava sensivelmente o fator mão-de-obra barata, depois dos progressos na computação tendeu a favorecer a tecnologia. Se aos progressos da informática somarmos aqueles registrados no terreno da descoberta de novos mate-

riais que tomam o lugar de minérios até então dados como não susceptíveis de substituição, teremos configurada situação em que o Brasil realmente não tem por que razões atrair capitais externos — e faltaria ao presidente da República dizer: públicos ou privados.

Essa análise a todos os títulos brilhante e, por que não dizê-lo, dura, de nossa realidade e de nosso relacionamento com o mundo industrializado é até certo ponto minimizado pelo tom jingoísta com que o presidente Sarney se refere aos países ricos. Ao ler certos trechos de sua entrevista, tem-se a impressão de que o presidente culpa, ainda que de forma inconsciente, os países ricos, já auto-suficientes, por não nos darem mais atenção. Veja-se esta passagem: "Com isso, podem dar-se ao luxo de se preocupar com assuntos como a hipótese de o planeta vir a acabar por causa da agressão à natureza". Ou esta outra: "A verdade é que, hoje, os países ricos estão despreocupados em relação aos pobres, pois praticamente eles já têm tudo e são auto-suficientes". Se o papa estivesse analisando as relações de poder internacional, poder-se-ia esperar uma postura desse tipo, quase que cobrando dos países ricos o dever moral de ajudar os não desenvolvidos, que não querem se ajudar (como se evidência no caso do Brasil pós-Constituinte). Essa perspectiva não fica bem da parte do chefe de Estado do Brasil; afinal, se o trem da história ainda não deixou a estação "Brasil", o que se deve fazer para embarcar nele não é esperar que os ricos se lembrem de que existimos, mas pôr em prática políticas internas associadas a políticas externas que nos permitam retardar por alguns minutos a partida inevitável do comboio, dando assim condições para que os 150 milhões de brasileiros possam ocupar seu lugar nos vagões, ainda que de mau jeito.